

Estudos do português popular: a linguagem dos cantadores de Clóvis Monteiro

Eneida do Rego Monteiro Bomfim, da ABF e PUC

Na cronologia das obras de Clóvis Monteiro *A linguagem dos cantadores* ocupa posição intermediária. Foi apresentada como tese de concurso em 1933. Como o próprio autor observa, esse campo de estudo estava com considerável atraso no Brasil. Não havia despertado nos especialistas, no início dos anos 30, o interesse pelas análises lingüísticas regionais. Amadeu Amaral (1920)¹ e Antenor Nascentes (1922)² foram pioneiros, ocupando-se, respectivamente, do dialeto caipira e do linguajar carioca. Um e outro retratam o preconceito reinante contra os falares regionais e seu estudo.

Amaral fala sobre o desprestígio do dialeto caipira e lembra a fama pejorativa da fala dos paulistas, no século anterior, tachados de corromper o vernáculo. Por ocasião da criação dos cursos jurídicos, no Senado, houve objeções quanto à indicação de S. Paulo para sede de um deles, alegando-se que o linguajar dos naturais “inconvenientemente contaminaria os futuros bacharéis, oriundos de diferentes circunscrições do país. . .” (op. cit. p.12). Diz ainda Amadeu Amaral que o dialeto caipira “Hoje (. . .), acha-se acantado em pequenas localidades que não acompanharam de perto o movimento geral do progresso e subsiste, fora daí, na boca de pessoas idosas, indelevelmente influenciadas pela antiga educação.” (op. cit. p. 12).

O trabalho de Nascentes é um desafio, “não é para a geração atual; daqui a cem anos, os estudiosos encontrarão nele uma fotografia do estado da língua e neste ponto serão mais felizes do que nós, que nada encontramos do falar de 1822”, diz ele no prefácio da primeira edição.

Em 1934, Mário Marroquim publicou *A língua do Nordeste* (S. Paulo, Editora Nacional, 1934), com base na linguagem de Alagoas e Pernambuco.

¹Amaral, Amadeu. *O dialecto caipira*. S. Paulo, Casa Editora “O Livro”, 1920. No prefácio à segunda edição (S. Paulo, Anhembi, 1955), Paulo Duarte informa que o livro é de 1920, mas que já estava divulgado desde 1916

²Nascentes, Antenor. *O linguajar carioca em 1922*. A 2.^a edição, refundida saiu em 1953, Rio de Janeiro, Organização Simões.

Seria interessante um confronto das informações fornecidas pelos dois estudiosos que se ocuparam do falar nordestino. Sílvio Elia, no capítulo “Unidade e diversidade fonética do português do Brasil”, inserido nos *Ensaio de filologia* que na 2.^a edição passou a intitular-se *Ensaio de filologia e lingüística*³, utiliza como fonte de informação os quatro trabalhos acima referidos, acrescidos de mais três, relativos às linguagens de Minas Gerais, Goiás e Rio Grande do Sul⁴.

No que toca à metodologia de trabalho, há diferenças entre Amadeu Amaral, Nascentes e Clóvis Monteiro. O primeiro valoriza a documentação colhida *in loco* e recomenda a observação de normas, como: só recolher termos e locuções “apanhados em uso, na boca de indivíduos desprevenidos” (op. cit. p.15); indicar se a dicção é freqüente, se é própria de determinado grupo social; grafar a dicção rigorosamente como é pronunciada, inclusive as variantes de pronúncia; tomar especial cuidado com grafias que possam gerar dúvidas, sobretudo no que diz respeito a sons peculiares à fonética.

Nascentes propõe-se como informante: “Filho de pais cariocas, nascido e criado no atual Distrito Federal⁵, considero-me um legítimo representante da fala genuinamente carioca e me senti habilitado a fazer o estudo dela, por isso e por não ter jamais sofrido influências estranhas.” (op. cit. p. 26). Nem sempre ficou, entretanto, restrito ao seu idioleto, visto que faz considerações sobre a língua falada no resto do Brasil, comparando-a com a de Portugal.

Clóvis Monteiro colhe o material de análise nos textos coligidos por Leonardo Mota no livro *Cantadores* (Rio de Janeiro, Castilho, 1921), portanto, baseia-se num *corpus* já transcrito. Num capítulo dedicado à grafia, Leonardo Mota qualifica-a como “propositadamente, incoerente e anárquica.” (op. cit. p. 363). Diz que não foi sua intenção contribuir para a formação de um dicionário cacoépico e que não vê motivo para escrever *pulo* e *num*, em vez de *pelo* e *não*, porque “se o sertanejo diz *pulos* santos se beijam os altare”, não é menos exato que ele diz corretamente “*Pelo* sinal da Santa Cruz”. (*idem, ibidem*). Finalizando o capítulo, aludindo à sua babel ortográfica, diz que “não será excessiva benignidade relevá-la em conta de incidentes documentações de algumas alterações prosódicas, peculiares ao Ceará.” (*idem, p.364*). Confirmando essas observações, registram-se nos textos formas como *fazê* (fazer), *mulhé*, *muié* (mulher), *adevogada* (advogada), *escói* (escolhe), *sozim* (sozinho), *mêi-dia* (meio-dia), *fia virge* (filha virgem), *cumo* (como) e muitas outras que alongariam a lista.

³ Elia, Sílvio. *Ensaio de Filologia e Lingüística*. 2.^a ed. refundida e aumentada, Rio de Janeiro, Grifo / MEC, 1975. A primeira edição é de 1963, pela Livraria e Editora Acadêmica.

⁴ São eles: *O falar mineiro*, de J. A. Teixeira, separata da Revista do Arquivo Municipal, S. Paulo, 1938; do mesmo autor, *Estudos de dialetologia portuguesa* (A linguagem de Goiás), S. Paulo, Anchieta, 1944, e “Alguns aspectos da fonética sul-riograndense”, de Elpídio Ferreira Paes., *Anais do Primeiro congresso de língua nacional cantada*. S. Paulo, Departamento de Cultura, 1938.

⁵ Na época, a cidade do Rio de Janeiro capital da República era Distrito Federal.

Não foram poucas as dificuldades que se apresentaram aos precursores dos estudos regionalistas no Brasil. No campo da prosódia e da fonética, na época, era costume usar-se a notação alfabética. Cândido Jucá (Filho)⁶ será o primeiro a utilizar o alfabeto da Associação Fonética Internacional. Ainda que não contando com instrumentos teóricos apropriados nem com uma metodologia rigorosa no que toca à Geografia Lingüística, estes trabalhos são um marco na história dos estudos lingüísticos no país. Enfrentam preconceitos, valorizam conscientemente a linguagem popular, pretendem registrar e analisar, enquanto é tempo, peculiaridades do falar do povo em regiões diferentes do território nacional. “Não fui dos primeiros, mas não queria ser dos últimos. Já é tempo de pensarmos em reunir elementos para um plano geral de nossa geografia lingüística”. Assim finaliza Clóvis Monteiro a curta apresentação do seu trabalho.

Uma característica comum a estes estudos é a importância dada ao léxico. Amadeu Amaral inclui no seu trabalho um “Vocabulário” que ele explica não ser uma reunião de todos os brasileirismos correntes em S. Paulo, mas o registro de alguns vocábulos usados por roceiros e caipiras. São cerca de 1700 verbetes, grafados segundo se pronunciam. Às vezes são registrados derivados ou palavras de mesmo radical como, por exemplo, *desarrochado / desarrochar, estabanado/ estabanamento, esparramar / esparramo*.

Quanto ao linguajar carioca, Nascentes observa que o vocabulário que apresenta (mais de 800 verbetes) “é um ligeiro esboço que outros poderão melhorar”. (op. cit. p.207) Chama a atenção, ainda, para o fato de que a principal característica do léxico carioca é o seu cosmopolitismo e a grande dificuldade da sua organização “está na peneiração dos termos estaduais”. (op. cit. p. 182).

Em *A linguagem dos cantadores* o procedimento é diferente. Estão arrolados 1837 vocábulos, entre verbos e nomes, agrupados segundo a procedência dos respectivos radicais. Explicações ou esclarecimentos só aparecem se o termo não estiver dicionarizado ou se tiver nos textos acepção diferente da comum. Implicitamente é passada a idéia de que o nordestino comum, no caso específico o cearense, domina com desenvoltura e riqueza de expressão o léxico da Língua Portuguesa. Em capítulo à parte são assinalados e analisados usos particulares e modismos. Convém lembrar que Leonardo Mota também acrescenta ao seu trabalho um “Elucidário” com mais de 600 verbetes entre vocábulos e expressões.

Após esta contextualização de *A linguagem dos cantadores*, passo à descrição e análise do trabalho.

A publicação é uma brochura sem índice nem sumário, composta por seis capítulos não numerados, a saber: 1. *A linguagem dos cantadores*; 2. *Vocabulário*, subdividido em *verbos e nomes*; 3. *À margem do vocabulário*; 4. *Tendências fonéticas*; 5. *Morfologia*, subdividido em *o nome* (gênero, número, grau,

⁶ Jucá (Filho), Cândido. *A pronúncia brasileira*. Coeditora Brasília, 1939.

formação de palavras); *artigo*; *pronomes* (pessoais e reflexivos, formas de tratamento, possessivos, demonstrativos, indefinidos, relativos e numerais); *o verbo* (verbos impessoais, modos e tempos, flexões pessoais, colocação dos pronomes); *Partículas* (advérbios, preposições e conjunções) e 6. *Sintaxe*, em que trata de concordância e de pronomes retos e oblíquos.

Duas epígrafes antecedem a monografia, ambas de Leite de Vasconcellos, retiradas do volume II de *Opúsculos*. A escolha das epígrafes já indica o rumo e a concepção teórica do trabalho. Uma e outra enfatizam a importância da linguagem dialetal. Transcrevo a segunda:

É em textos populares que melhor se pode apreciar a linguagem do vulgo, em todo o seu colorido emocional e ao mesmo tempo a sua naturalidade simples. (J. Leite de Vasconcellos, *Opúsculos*, II, p 77)

Seguem-se comentários sobre o conteúdo dos capítulos.

No capítulo de mesmo nome, o vocabulário é apresentado em colunas e os vocábulos são agrupados de acordo com a procedência dos respectivos radicais e divididos em: a.) *verbos* (455), latinos, gregos hebraicos, góticos, germânicos, árabes, espanhóis, provençais, franceses, italianos, tupis, africanos, onomatopaicos e de origem duvidosa e b) *nomes* (substantivos e adjetivos) ao todo 1382, perfazendo um total geral de 1837 vocábulos. Quanto à procedência dos nomes, além das apontadas para os verbos há, ainda, nomes ibéricos, catalães, neerlandeses, célticos, turcos, persas, chineses e de línguas ameríndias. Alguns verbetes são acompanhados de variantes ou do significado, quando diferente do habitual. Como observado anteriormente, as ocorrências nos versos dos cantadores não constam do texto. Estão transcritas em fichas, que estão em meu poder, com indicação da página em que aparecem no livro de Leonardo Mota.

A título de exemplificação, transcrevo o conteúdo de algumas dessas fichas:

Demudar-se, p. 107⁷

Os astros se demudaram

Descangotar, p.77

Dou murros que descangota.

Desapear-se = *apear-se*, p. 25

“Cidadão, se desapeie, (...)”

Dispor-se = *decidir-se*, p.36

⁷ Os números de página referem-se à localização no livro de Leonardo Mota.

Acho bom que se disponha

Esguarnecer = guarnecer, p.230-231

Para esguarnecê o barco

Que o navio esguarnecero

Estralar = estalar, p.24-39

Quando estralou a notiça

As bala estralando em mim

Estruir = destruir, p.40

De matá pra estruí...

Raivoso, p.168

A maré fica raivosa

Realengo, p. 66

Deixo tudo realengo

Refilão = bebedeira, p.213

P'r'eu tomá meus refilão

A ficha *Rei / reis* tem oito abonações nas duas formas, sete de singular, sendo que só uma aparece sem o s e uma de plural. Vejamos algumas:

Muié de reis é rainha ... (p. 204)

Na página 229 há três ocorrências de reis, como singular:

Foi conversá com o Reis

O Reis achando ele justo

O Reis, caindo doente

Sabugado = surrado, p.23

Passarim sai sabugado

Tacha = defeito, p. 205

Só a tacha que ele tinha

O conjunto de fichas cobre praticamente quase todo o vocabulário. A intenção de Clóvis Monteiro era incorporá-las ao texto, numa futura edição.

O objetivo do terceiro capítulo *À margem do vocabulário*, que o autor denomina “notas” é assinalar usos particulares e modismos. Quanto aos demais vocábulos, informa Clóvis, “Fica, pois, sem observação e sem comentários, tudo quanto pertence assim à língua popular como à língua culta e se acha nos

cantadores em harmonia com o uso literário do Brasil e de Portugal.” São ao todo cinquenta notas em que é dado o sentido dos vocábulos ou de expressões com explanações sobre o seu emprego ou ainda comentários mais alongados, como, por exemplo, o que diz respeito a *bença*, *benção*, que transcrevo a seguir:

bença, *benção*. Referindo-se ao uso de *bênção*, como paroxítono, disse J.J. Nunes, na *Gramática histórica*; “é possível que na deslocação do acento haja actuado o sinónimo *bênçoa* ou *abênçoa* da linguagem popular, regressivo de *abençoar*, formado à semelhança de míngoa”.

Nos sertões do nordeste, onde há *bença* e *benção*, (com acento na última sílaba), não parece que a primeira forma tenha resultado da segunda, mediante deslocação do acento e redução do ditongo átono a vogal. Conserva-se *benção* com a acentuação que lhe competia, de acordo com a origem, e que foi modificado no uso culto, e *bença* ou *abença*, que é, certamente, um deverbais de *abençoar*. A observação do facto *in loco* parece demonstrá-lo. Dirigindo-se ao pai, diz um sertanejo:

- *Abença*, meu pai.

A resposta é quase sempre:

- *Benção* (oxítone) de Deus, meu filho.

(p. 45-46)

Neste capítulo, há informações curiosas quanto aos limites semânticos de formas variantes, como, por exemplo, *parceiro* / *pariceiro*, a segunda forma, descortês (equivalente a *da mesma laia*, em sentido pejorativo). Também há informações sobre mudança de sentido. *Danado* é usado na acepção de *extraordinário*, *excepcional* e também como intensificador de adjetivos como se observa nos versos:

Não sei o que tem mulhé,
Que todas são cavilosa...
Para brigá cos marido
São *danada* de teimosa!

(p. 47)

Despachar tem o sentido de *pôr fora de combate*, mandar para o outro mundo:

Em-quanto derrubá um,
Eu *despacho* mais de sete!

(p. 48)

Vexar, como *apressar* é muito comum, embora também seja corrente o uso, quando reflexivo, na acepção de *afligir-se*.

Deixo de fora outros comentários para não alongar-me.

O capítulo *Tendências fonéticas* aponta e sistematiza, nos moldes dos estudos de gramática histórica, as características do vocalismo e do consonantismo do linguajar nordestino. Advirto mais uma vez que não são tomados como base dados colhidos em pesquisa de campo, mas as transcrições do texto de Leonardo Mota. Com essas reflexões, pretendo chamar a atenção para o fato de que, embora o material analisado seja rico, apresenta lacunas inevitáveis, que não impediram, contudo, a sistematização de fenômenos lingüísticos em estudo e a pertinência das observações sobre variação regional de alguns aspectos observados..

Faço referência a alguns pontos do capítulo para dar uma idéia do seu conteúdo. Como as partes referentes à Morfologia e à Sintaxe revelam rigor e acuidade nas observações.

No vocalismo, assinalo a título de exemplo: 1. a queda do *o* final (= *u*), precedido da semivogal *i* (*mêi-dia, ferrôî*); 2. redução do ditongo átono protônico (*paxão*); 3. redução do ditongo -*ão*, final, a *o* (*orfo, chegaro*); 4. supressão do *i* / *e* do ditongo *ia* / *ea*, desfazendo-se, em conseqüência, o ditongo (*precipiço, ansa*).

No consonantismo, são relevantes as observações feitas sobre as diferenças regionais das alterações do *l*: não articulado, quando final, em vocábulos oxítonos e paroxítonos, pelos cantadores pernambucanos (*missá(l), infié(l), faci(l)*); interno, fechando sílaba, *passa a r*, não só em Pernambuco, mas numa extensa faixa do Nordeste (*carçado, arto*, etc.). No Ceará vocaliza-se, nas duas posições (*infiéu, fáciu, cauçado*). Observam-se duas transformações do *l* seguido da semivogal *i*: 1. palatalização na fala das pessoas cultas (*familha*) e 2. desaparecimento no falar do povo (*famia*). Também *lh*, geralmente, desaparece (*véio, abêia, orêia, fio, joêio*, etc.), mas pode despalatalizar-se (*alêia*, por *alheia*, *Guilherme*, por *Guilherme*).

Embora não sendo comum, pode haver troca de *b* por *v*. A forma *estrivaria* (= *estribaria*) é encontrada em um cantador cearense, e *brabo*, popular, concorre com *bravo*. No interior, *estrivo* é popular. *Barrer* e *bassoura* concorrem com *varrer* e *vassoura*.

Fala, ainda, do *r* final, suprimido geralmente, nos verbos como nos nomes, do mesmo modo que o *s*, na mesma posição, quer nos nomes quer nas flexões verbais, desde que não seja imprescindível à clareza.

Quanto às consoantes agrupadas, observa que nos grupos mediais a líquida tende a cair (*caboclo: caboco; rifle: rife; compadre: compade; véspera: vespra, vespa*). Fala, ainda, da epêntese de vogal, para desfazer o encontro de consoantes pertencentes a sílabas diferentes (*adimira, adevogado*) ou para desfazer grupo consonantal (*trem: terem; esplicando: ispelicando; influído: infuluído*). Aponta como arcaísmos: *plumo*, (= *prumo*) daí a forma *aplumado*

(= apumado) que aparece nos textos e *prantar*, por plantar. Finalmente, dá exemplos de metátese do *r*, seguindo a tendência da língua desde suas origens (*trigue*, *ditrimino*, *premenor* (= pormenor) e dissimilação de *n > l* (nutrido: *lutrido*); de *r > l* (meretriz: *militriz*).

No capítulo *Morfologia*, cuja distribuição de matéria já foi indicada no início desta exposição, cumpre assinalar: 1. o gênero masculino atribuído a *mansidão*; 2. a omissão do morfema de plural *s*, sempre que não é indispensável à compreensão, fato já apontado nas tendências fonéticas e redução da flexão *-es* a *e*, quando não desaparece (*duas mulhere*, *seis mese*, *nos are*, *dez vez*); 3. a invariabilidade de número das palavras em *-ão* (*nas mão*, *os braço*) – aqui não se trata simplesmente da omissão do *s*; 4. a expressão dos graus aumentativo e diminutivo, com recurso respectivamente aos sufixos *-ão* e *-inho*, este último, como já foi visto, reduzindo-se a *-im*; 5. a freqüência de emprego de *mais mió* e *mais pió*; 6. intensificação de adjetivos por meio do sufixo *-inho / inha / im*, processo que se estende a advérbios (*pequenim*, *cedim*, *indagorinha*) e da expressão *danado de* (*danado de teimoso*); 7. o emprego do pronome pessoal *vós*, apenas como forma de tratamento e de *consigo*, como em Portugal, com relação à pessoa com quem se fala; 8. uso das formas de tratamento *ocê*, *senhor*, *senhora*, *seu* e *sa* (em próclise), *vossa mercê*, *vamincê*, *mecê*, *o patrão*, além de *tu* e *vós*; 9. a preferência de *ter* por *haver* impessoal e de *andar* por *haver* e *fazer*, indicando tempo (*Anda já em quarenta ano*); 10. o desuso do infinitivo flexionado e o emprego do *mais* que perfeito do indicativo pelo futuro do pretérito (*havera*, por *houvera* = *haveria*); 11. futuro com pronome enclítico (*falarás-me*) e próclise do pronome *o* ao particípio passado (antes tivesse *o* prendido); 12. *Foi*, como advérbio de tempo - “Eu perguntei a Cupido / Qual é a mulata bela; / *Foi*, ele me arrespondeu: / - Mulata cô de canela”; *bom*, como advérbio de modo “Eu cuidei de atirá *bom*, / Mas ele atira mió...”; 13. o uso de *mais* = com, de *mode* = para (*Mode* cantar desafio), de *pra mode* = *afim de* e de *derna de* = desde, e 14. a ocorrência, embora pouco freqüente, de *mais* (= mas) *porém*.

No último capítulo, *Sintaxe*, faz rápidas observações sobre a concordância, ressaltando que ainda que, nem sempre sejam observadas as regras da língua culta “não se sacrifica nunca a naturalidade e a clareza.” Nesta última parte chama a atenção para o uso da forma de sujeito de terceira pessoa (*ele*, *ela*) e da forma de dativo (*lhe*) com função de objeto direto, em consonância com a linguagem corrente de todo o país. Em contrapartida, a forma de acusativo aparece empregada, à moda literária:

O capitão do navio,
Só pros outros se inzemplá,
Em dez carrada de lenha
Deixaro o fogo o queimá. . .

(p. 69)

Alguns aspectos sintáticos constam da *Morfologia*, porque os fatos estão de tal forma imbricados que se torna difícil separá-los. É o que se vê, por exemplo, com respeito ao uso de *consigo* com relação à pessoa com quem se fala, ao emprego de tempos verbais, da ênclise às formas de futuro e outros.

Finalmente, ressalto no tratamento dado aos fatos lingüísticos, na análise da linguagem dos cantadores nordestinos o rigor filológico, o espírito crítico e a contribuição pessoal, traços marcantes no labor de Clóvis Monteiro.